

---

# Qualidade do vínculo em crianças em situação de vulnerabilidade

---

Cristina Herrera Felipe, Carmen Beatriz Fabriani

## Resumo

Este estudo visa a contribuir para a compreensão das relações entre situações de vulnerabilidade na infância e a estruturação da personalidade deste sujeito. O fenômeno observável foi a vulnerabilidade, sendo exemplificada na dificuldade do sujeito na relação interpessoal. Foram selecionados cinco históricos de crianças em situação de vulnerabilidade, através de um levantamento dos protocolos dos casos inscritos em um serviço de atendimento psicológico, integrado à rede SUS, no interior do estado de São Paulo. Realizou-se uma pesquisa através de entrevistas com os pais e com as crianças e a seguir, aplicação de instrumentos de avaliação psicológica com as crianças visando à identificação de fatores de vulnerabilidade, a partir da qualidade dos vínculos familiares. Verificou-se uma correlação positiva entre atitudes de rejeição dos pais e a situação de vulnerabilidade nas crianças; por outro lado, notou-se que os pais não demonstravam perceber as relações entre seus atos e os conseqüentes sintomas nas crianças.

## Palavras-chave

Vulnerabilidade, Avaliação Psicológica, Infância, Psicologia Social

## Autores

---

Cristina Herrera Felipe  
Psicóloga

e-mail:  
tinahf@gmail.com

Carmen Beatriz Fabriani  
Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Doutorado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Atualmente é editora geral do corpo editorial do UNIFAE e professora do Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino - FAE.

e-mail:  
carmenfabriani@fae.br

---

Recebido em 30/abril/2008  
Aprovado em 03/junho/2008

## I. Introdução

Chegam aos serviços de atendimento psicológico à população, inúmeros casos de crianças acabrunhadas, silenciosas, com baixo rendimento escolar e com enorme dificuldade de se expressarem, como se não fosse possível encontrarem dentro de si as palavras que pudessem significar sua dor. Estas crianças seriam aquelas consideradas em estado de vulnerabilidade psicossocial, considerando sua constatada falta de autonomia para expressar seus estados de espírito, vontades, gostos e desgostos e, conseqüentemente, de decidir sobre seu próprio destino, seja por razões do desenvolvimento psico-afetivo, ou de restrição e privação da autonomia nos ambientes familiares. Frequentemente, integram um grupo de famílias que residem nas periferias de áreas urbanas que vivem em situação de alienação das oportunidades que a sociedade proporciona. Bastos (1999), em estudo com este grupo de adolescentes, estabelece uma relação positiva entre o impacto do ambiente familiar, nos primeiros anos de vida, e as dificuldades de inclusão destes jovens. Em seu estudo com 56 adolescentes, moradores de uma área de invasão em Salvador, BA alerta, entretanto, para as dificuldades advindas da complexidade deste tipo de predição, a partir da análise das condições familiares.

No presente estudo, busca-se compreender as conseqüências na organização da personalidade de crianças em situação de vulnerabilidade psicossocial, a partir da análise da qualidade dos vínculos primários estabelecidos nas relações familiares. Estas crianças, em situação de vulnerabilidade, se constituem numa população silenciosa, provavelmente maior do que as estatísticas oficiais registram devido ao "pacto de silêncio" que se estabelece no círculo familiar e de relações mais próximas. A literatura específica deste tema tem evidenciado que os constrangimentos a que são submetidas por pais e mães, com a intenção de educar, violentando as crianças com castigos e espancamentos abusivos, contrariam tanto o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, como o código civil. Entretanto, a comprovação deste fato é de difícil aplicação já que é praticado na intimidade do lar e a linha que separa a repressão educativa saudável, da viciosa é tênue e culturalmente definida. (ROSA, 2004; CRAMI, 2002).

A Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, define a vulnerabilidade na seção II.15 como "estado de pessoas ou grupos que, por quaisquer razões ou motivos, tenham a sua capacidade de autodeterminação reduzida, sobretudo no que se refere ao consentimento livre e esclarecido". Enquanto, em muitos casos, a condição de autonomia reduzida pode ser passageira, a eliminação da vulnerabilidade necessita que as conseqüências das privações sofridas por uma pessoa ou grupo nos âmbitos social, político, educacional ou econômico sejam ultrapassadas. Por outro lado, pessoas, grupos ou populações são vulneráveis e continuarão a sê-lo se não houver mudanças drásticas na relação que mantêm com o grupo social mais amplo em que estão inseridas. A vulnerabilidade é função de uma relação social, cultural, política e econômica desigual e, como conseqüência, de uma relação de desigualdade, pode manifestar-se de modo individual ou coletivo, entre diferentes grupos, culturas ou etnias minoritárias, em relação a um grupo mais amplo, ou mesmo entre países. Portanto, considerou-se que crianças oprimidas por situações familiares constrangedoras pela rejeição dos pais, manifestada em diferentes graus de violência, estão em situação de vulnerabilidade, onde mesmo que a situação primária de opressão seja removida, pela retirada da família e

colocada em lares de adoção ou em abrigos, a estruturação da personalidade já está configurada e sua transformação requer uma intervenção psicológica especializada.

Nesse sentido, ao estudarmos esta população de crianças buscou-se dar voz ao seu discurso mudo, promovendo sua inclusão na sociedade de forma a colaborar com políticas de prevenção da saúde mental deste grupo de crianças.

Conforme a compreensão psicodinâmica do processo de desenvolvimento psico-afetivo do indivíduo, a estruturação da personalidade é grandemente determinada pela qualidade das formações vinculares que têm início na vida intra-uterina, representado pelo cordão umbilical. Após seu rompimento, no nascimento, o bebê busca restabelecer esta relação estreita com seu cuidador, figura materna, pela construção de vínculos cuja qualidade é determinada pela relação entre ambos. (FREUD, 1915) Por vínculo, entende-se as estreitas relações que se estabelecem entre o bebê e seu cuidador, podendo ser de acolhimento ou de oposição.

Segundo Winnicott (1971), a relação de vínculo pode ser descrita em função da experiência do sujeito, ou seja, de acordo com as vivências de relação que a criança tem no decorrer de sua infância, estas poderão afetar de maneira direta o tipo de relação que ela terá nas demais relações de amizade, amorosas, profissionais e outras na vida adulta. A construção destas relações se constitui para Winnicott (1971) como um jogo intersubjetivo em que o indivíduo articula a realidade interna com a realidade externa, em uma área do viver criativo, onde estas duas realidades se relacionam e se unem. Este espaço intersubjetivo é único a cada indivíduo e determina as condições de expectativas e confiabilidade nas relações com o outro. Portanto, a qualidade das relações vinculares depende destes três fatores; as experiências no real, a percepção intersubjetiva desta experiência e o espaço do viver criativo. Nesse sentido, a idéia de vínculo pressupõe que não apenas atribuímos significados às nossas relações, mas que também somos significados por elas. Ou seja, corremos o "risco" de uma relação não nos legitimar enquanto sujeitos exercendo um papel desarticulador de nossas vivências já adquiridas, provocando um estado de alienação de si mesmo que parece caracterizar as crianças descritas anteriormente. A literatura psicanalítica sustenta a idéia de que as vivências de privação e de vulnerabilidade geram importantes seqüelas no desenvolvimento emocional, podendo marcar de forma peculiar a vida das pessoas para sempre, colocando-as em condições de vulnerabilidade psicossocial.

Para um melhor entendimento da constituição do espaço do viver criativo, Bion observa que a relação com a mãe/cuidadora propicia a função "reverie", que nada mais é que a mãe, ao receber os impulsos de agressividade da criança pela identificação projetiva, transforma-os de uma forma compreensível para a criança, permitindo que esta (re) introjete estes impulsos agora transformados e nomeados. Ou seja, atribuir significados a estes sentimentos desempenha um papel fundamental na organização do espaço psíquico da criança e determinante na qualidade dos vínculos estabelecidos com o ambiente. Quando ocorrem maus-tratos, sejam eles físicos ou morais, principalmente no ambiente familiar, a criança fica fragilizada, chegando a interromper a cadeia de associações de experiências com sérios prejuízos para estruturação de sua personalidade e, também, para sua integração no ambiente. Portanto, segundo Bion a mãe/cuidadora que não consegue realizar a sua função "reverie" não conseguirá ajudar a criança a atribuir significados às suas experiências e estabelecer

vínculos de confiança com o ambiente.

Segundo o artigo 5º da ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), caracteriza-se por situação de maus-tratos qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, podendo o agressor ser punido na forma da lei, por ação ou omissão, a estes direitos fundamentais. Mas a realidade enfrentada pelas crianças, infelizmente, é bem diferente. Verifica-se ainda que a violência direta contra a criança pode ser conceituada sob dois aspectos: primeiro quando não se individualiza o agente agressor, ficando a responsabilidade diluída na comunidade, geralmente com a participação e convivência do Estado, que, decididamente, participará nas linhas obscuras da história; segundo quando se busca individualizar o agente, como uma pessoa, considerando-se os efeitos da mesma. (SANTOS, 2005) Dessa forma, a violência é conceituada como um conjunto de alterações somáticas, mentais e/ou apresentadas pela criança quando sujeita a acidentes do tipo intencional. Os maus-tratos, frequentemente impostos à criança, são agressões corporais, os abandonos intencionais, temporários ou permanentes, os abusos sexuais, as intoxicações ou envenenamentos, raptos, entre outros mais inusitados. Crianças que sofreram maus-tratos, geralmente são expostas a esta agressão por pais/cuidadores, ou parentes próximos do convívio social da célula familiar à qual pertencem.

Segundo Azevedo e Guerra (1998) o agressor geralmente é homem, pai, padrasto, parente ou pessoa que tem proximidade ou afeição para com a vítima e é de sua confiança. A mãe (ou adulto não abusador), na maioria das vezes, apresenta-se submissa ao companheiro, mas ao mesmo tempo desempenha um papel de super protetora deste. Ajuda a manter o complô do silêncio, justificando ou encobrendo o que acontece e também apresenta histórico de vitimização na infância; inclusive, frequentemente, como vítima de abuso sexual. Com poucos recursos para proteger a criança, quando o faz, tem dificuldades em manter esta proteção, pois ela própria pode estar sendo vítima de agressões deste companheiro. Dessa forma, ao se buscar desenvolver um estudo que estabeleça as relações entre familiares e a qualidade das relações que as crianças estabelecem com seu ambiente, buscou-se o desenvolvimento de um método de investigação que permitisse a escuta do discurso familiar e o discurso das crianças, conforme descrito a seguir.

## 2. Fala das Crianças e das Famílias

Participaram desta pesquisa cinco crianças, na faixa etária de três aos onze anos e onze meses de idade, selecionadas através do levantamento nas fichas de triagens entre pessoas que buscam orientação em um serviço de atendimento psicológico, conveniado com o SUS. O acesso aos prontuários foi garantido pela coordenação da clínica, após tomar conhecimento do projeto de pesquisa e do método de coleta de informações. Inicialmente, foi feita uma seleção de oito prontuários conforme os critérios abaixo, para que restassem pelo menos cinco, contando, a priori, com alguma falta de disponibilidade entre os selecionados. Aos pais, chamados para anamnese, foram explicados os objetivos da pesquisa, apresentando um termo de consentimento livre e esclarecido, quando foi marcado um horário para a entrevista. Com relação às crianças, todas foram avaliadas, psicologicamente, e encaminhadas para atendi-

mento em uma das opções oferecidas pela clínica.

Critérios de seleção dos prontuários:

Tipo de encaminhamento: Médico, Escola, Conselho Tutelar. Nesse caso, buscaram-se crianças que já tivessem sido identificadas por algum outro profissional, como tendo um problema de caráter psicológico;

Tipo de Queixa: Agressividade, Problemas na Aprendizagem e/ou de relacionamento. Aqui, também, buscaram-se crianças que já tivessem demonstrado algum queixa de certa forma atribuída a vínculos afetivos;

História familiar: Alcoolismo do(s) pai(s), violência doméstica, abandono, rejeição, ou outros que caracterizassem a situação de vulnerabilidade.

No quadro 1 apresentam-se os sujeitos participantes da pesquisa após todos os 8 terem sido chamados e alguns não terem confirmado interesse. Caracterizam-se as crianças por gênero, idade, encaminhamento e estrutura familiar ressaltando que, em duas entrevistas com os familiares, estiveram presentes pai e mãe; nas demais, apenas a mãe. Em todos os casos fica clara a situação de abandono, ou ameaça de abandono, e ainda as brigas familiares, alcoolismo e hostilidade para com as crianças.

As entrevistas com os pais foram semidirigidas onde a partir de uma pergunta disparadora se permitiu a fala livre. Todas foram com hora marcada e atendimento realizado na clínica de atendimento psicológico, com duração média de 90 minutos, sendo as entrevistas gravadas e depois transcritas. O método de coleta de dados caracteriza-se pela pesquisa participante para o levantamento da história de vida das crianças.

Segundo Gajardo (1986) a pesquisa participante faz referência às experiências que procuram conhecer, transformando. É utilizada para nomear esforços diversos, para desenvolver práticas de pesquisas que incorporem os grupos excluídos das esferas de decisão à produção e comunicação de conhecimentos, como as ações que disso possam derivar. Ou seja, a pesquisa participativa tem o intuito de dar voz ao discurso mudo de um grupo excluído socialmente, marginalizado, para colaborar com a mudança de condições de dominação. Um dos aspectos importantes na pesquisa participativa é que a meta desta pesquisa é o processo de aprendizagem dos que fazem parte dela; no caso em questão, as crianças em situações de vulnerabilidade. Outro aspecto é a interação do pesquisador e o grupo a ser estudado. A pergunta disparadora inicial foi com relação à notícia da gravidez e a percepção da mãe e demais familiares com relação a ela. No quadro 2 apresentam-se aspectos marcantes das respostas a esta questão, que após transcritas, foram analisadas pelo método de análise do discurso, onde se busca a lógica na construção do argumento (FABRIANI, 2004). Observa-se que, em quatro das cinco crianças, a gravidez não era esperada nem desejada, seja pela mãe ou pela família. No caso da criança F, adotada, a mãe adotiva não sabe das informações com relação à mãe biológica, entretanto, considerando o abandono da criança com 18 meses também se pode confirmar que a gravidez não foi desejada. Observa-se também, no quadro 2, que a situação de acolhimento, durante a gravidez e nos primeiros meses de vida, ficou bastante prejudicada, estando presente no discurso a situação de rejeição e de falta de condições psicossociais da mãe e das famílias, em ocupar o lugar de provedores e educadores, o que caracteriza a situação de não acolhimento apresentada por Bion e Winnicott.

Família na entrevista	Pais B. Fem. 09 anos	Mãe de G Fem. 11 anos	Pais de F. Masc. 08 anos	Mãe de P Masc. 08 anos	Mãe PH 8 anos masc.
<b>Encaminhado</b>	Pediatra / Escola	Conselho Tutelar	Escola	Conselho Tutelar	Psiquiatra
<b>Estrutura Familiar</b>	<p>Mãe: <b>“como eu era muito nervosa então eu tinha muito medo”</b>... é eu acho que eu passei um pouco pra ela ( medo)... <b>ela vai morrer, já penso assim.</b> A mãe relata situações onde percebe que sua ansiedade e medo turvaram sua percepção do risco e que impediu ações de prevenção, chegando a colocar a filha em risco. A situação de hostilidade do casal seguida de ameaça à filha com o <b>abandono do pai.</b> Mãe: “na hora que ela cai <b>eu fico sem reação</b> eu não consigo levantar, minha perna trava sabe”?...e quando a gente (casal) brigava eu falava que ele ia embora..</p>	<p>Mãe: “...ele saia muito de casa ( pai)... Eu falo pra ele, até agora se você tá falhando com a G... elas tavam acostumadas porque elas só dormiam com ele, ele que acariciava as costas delas até elas dormir, aí acho que no começo elas levaram um choque bem assim sabe?...  A mãe relata a ausência do <b>pai da menina, depois o choque pela notícia da prisão dele.</b></p>	<p>Mãe: “....temos uma filha de 14 e um bebê de um ano e 9 meses... ai ela tem muito amor com ele só que eles brigam . só que tem amor um ao outro....  Pai: “eu brinco com ele , não bato,chamo atenção, comigo é numa boa não tem problema ...  <b>Esta é a família adotiva; antes a criança ora morou com a mãe, que tentou abandoná-la várias vezes, ora morou com o pai, que alegou não ter condições de ficar com o menino e o entregou a uma instituição</b></p>	<p>Mãe: “... devido as nossas brigas, eu falei que a gente ia largar, por causa das crianças, elas ficavam sabendo disso também, elas participavam dessa briga.... eles choravam né, eles ficavam chorando que o pai ia largar(sair de casa)...daí ele falou que não ia beber mais, e parou mesmo.  <b>Mãe relata sobre as brigas em família, alcoolismo do pai, e da ameaça que fazia ao filho, do pai abandoná-lo</b></p>	<p>A mãe relata que a criança convive com seus dois meio-irmãos do segundo casamento da mãe, e que o padrasto cuida dele como se fosse o filho, sem distinção, porém ela não concorda com isto. Deixa claro para todos que o pai de PH é outro, e este outro não o legitima. Mãe: “ele( o padrasto) é <b>praticamente o pai dele...</b> eles se dão muito bem, não faz diferença com meu outro filho...<b>mas ele não é o pai de F. eu falo sempre isto, o pai é o outro, que não faz nada....o meu marido não tem obrigação de cuidar de F. é o pai que tinha que fazer isto...”</b></p>

Quadro 1: Apresentação dos Sujeitos da Pesquisa: Encaminhamento e Estrutura Familiar

### 3. Caracterização da Vulnerabilidade

Quanto à questão da vulnerabilidade a pergunta disparadora aos pais na entrevista foi que relatassem os comportamentos que consideravam inadequados em seus filhos e que achavam que demandavam cuidados psicológicos ou da escola. Observa-se, no quadro 3, que os pais percebem o “problema” dos filhos e o fato causador é atribuído a razões do ambiente, da escola, da vida familiar, dos irmãos e de outros, sendo que apenas a mãe de B - feminino, com 9 anos considera que a relação da filha com ela e seu próprio problema de medo de tudo pode ter influenciado no problema da filha. Os pais, de forma geral, também não mostram compaixão pela problemática da criança e falam da situação sem parecer perceber o nexus lógico entre a sua história de vida, a partir da gestação e forma de não inclusão da criança na família, tratada muitas vezes como um estorvo e seu “sintoma”, nos relacionamentos que estabelece no ambiente familiar e escolar.

Em seguida às entrevistas com os pais, passou-se à coleta de dados, individualmente, com cada criança. O primeiro encontro foi uma entrevista com a utilização

da “Hora do jogo”, técnica em que, através do brincar, observam-se as formas das crianças regirem a situações de frustrações e desamparo; após esta técnica é feita uma avaliação psicológica, segundo um instrumento do “Teste das Fábulas”, com o objetivo de perceber a subjetividade da criança. Este instrumento de avaliação psicológica é ideal para uma população de crianças de três até no máximo oito ou nove anos, por se utilizar de uma forma de abordagem pictórica e verbal. É um teste projetivo que visa a explorar os conflitos inconscientes; é, talvez, o mais bem aceito por crianças, consistindo em 12 figuras onde cada uma se refere a uma fábula, e dez histórias incompletas que devem ser contadas à criança e solicitado que ela complete o enredo. (CUNHA, 2003)

No quadro 4, apresentam-se os aspectos marcantes da entrevista com as crianças, segundo o mesmo método de análise do discurso e o resultado da aplicação do teste das fábulas.

Observa-se que B fala do conflito entre as figuras parentais e de como reage a esta confusão com uma tentativa de controlar o ambiente, o que foi confirmado pela avaliação psicológica. G fala do não acolhimento pelas mulheres em sua casa, e da falta do pai representado no

	Pais B. Fem. 09 anos	Mãe de G Fem. 11 anos	Pais de F. Masc. 08 anos	Mãe de P Masc. 08 anos	Mãe P.H 8 anos masc.
<b>Notícia da Gravidez</b>	Mãe : "... <b>eu assustei</b> , eu era muito nova, não tinha 18 anos na época... foi meio conturbado, a família não aceitou muito, minha mãe. Ele não, ele aceitou bem tudo" Pai: "pra mim foi normal.."	Mãe: "Eu não queria arrumar mais filho... mas meu marido achava que um só era muito pouco, que eu devia arruma mais um". Relata que não queria ter mais filhos, mas que se tivesse, não queria uma menina e sim menino.	Mãe: " ... assim a gente não sabe, ....porque adotamos ele.." Pai: "é a gente conheceu o <b>pai dele que era alcoólatra, a mãe dele também era.</b> Adotamos ele com 1 ano e 2 meses , ele <b>tava doente, com anemia</b>	Mãe : " quando eu fiquei grávida eu não sabia ainda, na época meu marido bebia e eu também não queria., <b>foi uma gravidez não desejada,</b> tanto pra mim quanto pra ele. <b>A gente brigava muito....</b> o pai aceitou..."	Mãe:..." a gravidez dele não estava esperando,... ainda mais que quando se é sozinha, eu era solteira, e o pai dele só assumiu ele a poder de justiça.. eu tenho muita mágoa dele por causa que ele podia fazer e não fez
<b>Depois do Nascimento</b>	<b>"Complicado"</b> Mãe: "... depois foi complicado porque a minha mãe é meio protetora minha, sabe né? Ela briga muito com ele..." Pai: "Eu não achava nada. Sempre uns arranca rabo, sabe? .... <b>estas coisas então mal no começo foi complicado, já foi controlado.</b> Eu acho que a partir do momento em que ela nasceu, rolou muito problema, tudo isso, sei lá se chegou a mexer com ela ( a criança), mas com a gente mexeu bastante."	Mãe: "...Ela <b>sofreu</b> muito, foi que meu marido foi preso, .... Foi por isso que eu vim procurar aqui. Porque eu precisava fazer alguma coisa. Meu marido tinha ido pra cadeia, eu tinha que ficar com as duas; eu me via assim no fundo do poço.	Mãe: "...a mãe deixou ele na rodoviária, e o policial pegou no flagra... ela falou que não tinha condições de ficar... mas estava bêbada... da outra vez, ela foi embora e deixou ele com o pai, que levou para instituição..." Depois da adoção: Mãe: "...em casa ele não perdia uma noite de sono ele tinha muita fome, ele comia e vomitava, tinha que ficar de olho nele sabe, pra não comer a comida do cachorro, do gato..... e agora ele começou a <b>gaguejar</b> e tem <b>problema na fala</b> ...	Mãe: " ...veio alegria, problema não, é um tempo na <b>bebida</b> né, por causa de serviço meu marido <b>brigou</b> lá na minha mãe, meu irmão , aí aonde a <b>gente separou</b> um tempo, então ele tava estudando a segunda série, e onde começou tudo..... <b>ele ficou bastante revoltado na escola...</b> Então ele tá <b>bem fraco na escola.</b> A professora queria voltar ele na segunda série eu pedi pra não voltar, pra ele não ficar <b>menos que os outros</b> aí, ele deu uma boa melhorada..."	Mãe relata brigas depois do nascimento pelo reconhecimento paterno, e pelo "abandono" do pai da criança.

Quadro 2: História de vida da criança

medo de dormir sozinha. No resultado do teste, mostra-se regredida e fixada na situação de abandono pelo pai. F, a criança com repetidas situações de abandono pela mãe biológica e, finalmente adotada, mostra uma importante restrição na comunicação e a avaliação confirma a situação de angústia frente ao desamparo. P, que é de uma família caracterizada pelas brigas violentas e alcoolismo do pai, mostra-se tão ansioso que não consegue perceber o ambiente, o que se confirma por seu comportamento na hora do jogo e na avaliação psicológica, que o revela sem criatividade. Por fim, PH, mostra-se agressivo e impaciente, tanto na hora do jogo, como no teste das fábulas.

Ao se correlacionar os depoimentos dos pais, com o resultado da avaliação das crianças, observa-se que a dificuldade dos pais de estabelecerem vínculos permanentes com a paternidade e maternidade, caracterizados pela constância no acolhimento dos filhos, desde a gestação e

nascimento, traduzidas em ações que garantissem o provimento das necessidades físicas, sociais e afetivas dos filhos tem como rebatimento a forma de as crianças se perceberem sem oportunidades, em oposição a um meio hostil, amedrontadas e perseguidas. Este perfil de relacionamento estabelecido pelas crianças é decorrente da estruturação de uma personalidade insegura e alienada de si mesma. Verifica-se uma confirmação da hipótese inicial de que o tipo de vínculo estabelecido pelos pais com as crianças molda sua percepção do ambiente e tem influência determinante sobre suas oportunidades de inclusão no meio sócio-cultural.

#### 4. Considerações Finais

A proposta metodológica para desenvolvimento desta pesquisa demonstra que os paradigmas desenvolvidos por

	Pais B. Fem. 09 anos	Mãe de G Fem. 11 anos	Pais de F. Masc. 08 anos	Mãe de P Masc. 08 anos	Mãe PH 8 anos masc.
<b>Percepção dos Pais sobre o "Problema"</b>	Mãe: "...Ela brincava muito até os 4 anos ....Agora não, depois que ela começou a ficar doente, <b>ela foi se fechando...</b> ela fala da gente morrer,ela tem muito medo disso" Pais relatam que a criança tem dificuldade de ir a escola, desenvolvimento de comportamentos repetitivos de limpeza, chegando a se ferir. A mãe assinala a inquietação da filha, e o medo que ela ( mãe) morra"	Qual o problema que ela tinha quando ela vinha pra cá? Qual que era queixa? <b>Mãe:</b> .Porque achava, que era por causa do pai dela .Ela não me contava , não contou pra mim até hoje. ( pai foi preso)	Pai: "...estava,desnutrido .... só que ele tem <b>problema muito de fala, ele não consegue aprender na escola.</b> Brinca muito na sala de aula a professora fica chamando atenção ... Mãe: "... <b>ele não aprende,</b> ele não guarda na cabeça ele não entende..ah é e <b>ele tá batendo no nenê também</b> Mãe e Pai relatam situações onde a criança vivenciou privações.	Mãe: "... <b>por causa da escola mesmo</b> que vivia chamando <b>Conselho tutelar...</b> ele tava, tipo assim, um <b>marginal</b> na escola, chegaram até a chamar a polícia porque ele pegou um menino pelo pescoço, e a diretora tentou separa e ele mordeu a mão da diretora,.... <b>na escola tudo cai sobre ele</b> então qualquer coisa o Tutelar tava lá, a escola chamando o Tutelar vem só pra ele	Diz que tem muitos pressentimentos ruins ( que a mãe vai morrer por exemplo). Não tem muita relação com o pai biológico ( mesmo sendo vizinho dele), reconhece como o pai o padrasto. <b>Tem medo da mãe morrer</b>
<b>Percepção dos Pais em relação à forma da criança reagir à Vulnerabilidade SINTOMA</b>	Mãe: "...Ela tem um pouco de ciúmes da irmã,...Ela é muito autoritária, fala que a gente não manda nela.... Quando percebe que a mãe ficou só, tem as crises de choro, e o aumento dos comportamentos repetitivos, para que isto não ocorra, a mãe mente que fica na casa da avó .Pai : "...o que segura mesmo é esses medos dela... só que ela chora mesmo, ela deixa a gente louco.... ..está fixada no C.É, disputa o pai com a mãe:	Mãe : "...Alegre, expansiva, atirada, às vezes quer saber muito....o pai e ela conversa só que, eu não sei se é porque ela tem <b>medo do pai fazer alguma coisa errada.</b> Aonde ele vai ela vai também. Nossa ela morre de medo do pai dela fazê algo de errado e voltar pra cadeia. E que ele num tá isento de volta pra lá.... tô achando que <b>ela tá comendo compulsivamente.</b>	Mãe: "...faz umas caretas sabe ... <b>não é bem normal, mas ele é bonzinho...</b> ele fala umas coisa que a <b>gente não entende,</b> umas conversas esquisitas... ele também faz uns <b>gestos estranhos...</b> na hora de prestá atenção na professora ele fica fazendo isso e <b>falando que vai matá.... ele guarda lixo,</b> ... ele pica a sacolinha ele guarda tudo...	Mãe: "qualquer coisinha ele quer <b>bater brigar...</b> ele batia nas outras crianças, fazia que ia cortar cabelo... Ele é bastante comunicativo mas é meio tímido, ele é <b>muito bravo</b>	Mãe: "...ele fala a mesma coisa, que um dia o pai vai ficar velho e vai vir atrás dele, só que ele nem vai ligar mais... A mãe relata que o garoto possui um sentimento de vingança em relação ao abandono do pai, ....

Quadro 3: Percepção da Vulnerabilidade pelos pais

	<b>B. Fem. 09 anos</b>	<b>G Fem. 11 anos</b>	<b>F. Masc. 08 anos</b>	<b>P Masc. 08 anos</b>	<b>PH masc.8 anos</b>
<b>Manifestação da Criança sobre sua vulnerabilidade</b>	<b>“E minha mãe fica brava neh e.... meu pai quer que eu faço bagunça”</b> ...Relatou várias vezes que a mãe a proíbe de sair na rua, bem como da irmãzinha andar. Sua forma de agir é controlar o ambiente, tendo crises compulsivas, quando é contrariada.	Dependente da opinião das mulheres da família, da aceitação delas: . <b>“... Ela fica falando que eu não sou nada.”</b> (a irmã diz isto dela) <b>“...eu tenho medo de dormir sozinha... Eu tenho medo... Não sei...Não sei assim”</b> Dependência	Tempo todo cabeça baixa, não consegue se expressar, a sessão inteira ficou batendo o tênis no pé da mesa.... Quando é questionado fica em silêncio, e apertando os dedos, com os olhos cheios de lágrima, não explora a caixa lúdica, brinca apenas com o brinquedo que está por cima.... não expressa sentimentos quando ganha ou quando perde, difícil contato visual.	<b>Ansioso, queria</b> saber tudo que ia acontecer depois da tarefa, não aproveitando o que realmente estava fazendo. Não tem paciência quando surge um obstáculo, desistindo facilmente <b>“..O desenho tá muito ruim... Desisti...”</b> Sua ansiedade diminuía a atenção, não conseguindo focar no teste.	Impaciente, quando não conseguia ganhar no jogo dos palitos xingava, <b>“Eu nunca fui paciente com isso aqui.”</b> Na hora do jogo criança optou por jogos de regra, mas tentava burlar claramente quando perdia. Claramente Ansioso
<b>O Teste das Fábulas</b>	<b>M o s t r o u - s e</b> agressiva e com tendência a querer controlar o ambiente.	Respostas infantilizadas, <b>aquém</b> do seu desenvolvimento, conflito edipiano(*).	Apresentou respostas muitos pobres indicando desamparo, inibição e insegurança.	Mostrou-se com a criatividade inibida, sem curiosidade.	Apresentou -se uma criança extremamente agressiva, ansiosa e impaciente.

Quadro 4: Percepção da Vulnerabilidade pelas crianças

(\*) conflito edipiano caracteriza-se por uma situação onde a criança vê-se em rivalidade e disputa pela atenção ora do pai, ora da mãe.

Bion e Winnicott na aplicação clínica também contribuem para a avaliação das condições de inclusão. A partir dos achados podem-se compreender as conseqüências na estruturação da personalidade de crianças em situação de vulnerabilidade, considerando a qualidade dos vínculos que estabelece em seus relacionamentos. Constatou-se, de forma inequívoca, o desconhecimento das famílias em questão da equação lógica entre o tipo de relacionamento familiar e suas conseqüências sobre as crianças. Esta falta de nexus lógico traz uma situação de desconhecimento com relação aos sintomas que estes meninos e meninas apresentam e um estranhamento com seu histórico de causação, adicionando a estas situações de vulnerabilidade um caráter inexplicável, levando a um círculo vicioso de angústia, ansiedade, frustração, hostilidade e agressividade que se estabelece nas famílias e se traduz em alienação e vulnerabilidade.

Estas considerações são preocupantes na medida em que não se vislumbra uma preocupação institucional com

a formação de adultos preparados para as funções parentais. A rede de escolas públicas municipais e estaduais não se mostra aparelhada para tal, nem contam, em sua estrutura, com profissionais da área da psicologia que poderiam desenvolver intervenções junto à população de adolescentes visando à conscientização para a paternidade e maternidade responsável. Acredita-se que medidas como as aqui apresentadas, poderiam surtir efeitos positivos de prevenção da saúde mental e a interrupção deste círculo vicioso de desvinculação das pessoas com seu próprio destino e o de sua prole poderá promover o alívio da sobrecarga do aparato do estado que, atualmente, atola-se em medidas corretivas do problemas que deságuam na rede de saúde, na rede correccional e na rede escolar. Ações de prevenção poderiam contribuir para a construção de uma sociedade de cidadãos autônomos e responsáveis com a formação de uma estrutura familiar mais adequada para o desenvolvimento das crianças e jovens.

## Referências

- ALBORNOZ, A.C.G.; NUNES, M.L.T. A dor e a constituição psíquica. *PsicoUSF*. Disponível em: [http://pepsic.bvs-si.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712004000200012&lng=pt&nrm=isso](http://pepsic.bvs-si.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712004000200012&lng=pt&nrm=isso). Acesso em 31 de outubro de 2006, p.211-218.
- BASTOS, A. C. S.; URPIA, A.C.; PINHO, L.; ALMEIDA FILHO, N.M. Impacto do ambiente familiar nos primeiros anos de vida: um estudo com adolescentes de uma invasão de Salvador Bahia. *Estudos de Psicologia* Julho - dezembro Vol 4 n. 2 UFRN . Natal: 1999.
- CRAMI. Abuso Sexual Doméstico: atendimento às vítimas e responsabilização do agressor. São Paulo: Editora Cortez, 2002.
- CUNHA, A.J. *Psicodiagnóstico V*, 5.ed. São Paulo: Artmed, 2003
- FABRIANI, C.B. *Cultura de Segurança Versus Cultura de Risco: Estudo Psicossocial sobre o olhar e a possibilidade de captação de informações ambientais*. São Paulo, 2004. Dissertação (Doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. *Intervenção com grupos vulneráveis: ampliando a compreensão do risco*. Santos, 2007. Apresentação do Projeto de Intervenção no XVII Congresso da PLAPAG.
- FREUD, S. (1923) O ego e o id. In Edição standard brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v. 19.
- GAJARDO, M. *Pesquisa Participante na América Latina*. São Paulo, Editora Brasiliense. 1986
- GUIMARÃES, M. C. S.; e NOVAES, S. C. Autonomia Reduzida e Vulnerabilidade: Liberdade de Decisão, Diferença e Desigualdade. Disponível em: <http://www.portalmedico.org.br/revista/bio1v7/autonomia.htm>. Acesso em 25 de julho de 2007
- MELO, M. do C.; CAIXETA, R. D.; RODRIGUES, V. B. Abordagem da criança e do adolescente vítima de maus-tratos. Disponível em: [http://www.medicina.ufmg.br/spt/saped/maus\\_tratos.htm](http://www.medicina.ufmg.br/spt/saped/maus_tratos.htm). Acesso em 29 de outubro de 2006
- MINISTÉRIO DA SAÚDE - Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996. Brasília, Conselho Nacional de Saúde. <http://conselho.saude.gov.br/comissao/conep/resolucao.html>. Acesso em 29 de outubro de 2006.
- MINISTÉRIO DA JUSTIÇA - MJ Estatuto da criança e do adolescente, Lei 8.069 de 13/07/1990 [www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm). Acesso em 25 de julho de 2007.
- ROSA, E. M. *Radiografia de um processo social: um estudo sobre o discurso jurídico a respeito da violência contra crianças*. São Paulo, Casa do Psicólogo. 2004
- SANTOS, H. O. *Crianças Espancadas*. Campinas: Editora Ato, 2005.
- WINNICOT, D W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. 1971

---

## Abstract

This study aims to better comprehend the relationships between situations of vulnerability during childhood and the building of the personality of that individual. The observed phenomenon was a vulnerability exemplified on the subject difficulty with respect to interpersonal relations. The authors selected five histories of children under vulnerability, through a search on protocols of cases registered in a psychological service integrated to the state welfare program on a countryside town of the State of São Paulo. The research was conducted by means of interviews with the children and their parents and the application on the children of psychological evaluation instruments to identify vulnerability factors linked to the quality of the family bond. It was observed a positive correlation between parents rejection attitudes and the vulnerability situation on the children and also that the parents did not show any perception of the relation between their actions and the resulting symptoms on their children.

## Key words

Vulnerability, Psychological Evaluation, Childhood, Social Psychology